

## Humanismo como vocação e ação como destino: o caso das publicações do CEMOROC

Roseli Fischmann<sup>1</sup>

**Resumo:** Por ocasião da celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em [www.hottopos.com](http://www.hottopos.com), a Editora pediu a alguns autores, como também a editores, um artigo de retrospectiva de suas contribuições nessas revistas e relacionamentos com o Cemoroc. Neste artigo, a autora apresenta as relações entre o CEMOROC e números especiais do CEMOROC em que atuou como *Editor*.

**Palavras Chave:** CEMOROC; 25 anos; humanismo e ação; ensino religioso em escolas públicas; Herbert Kelman.

**Abstract:** To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked authors-editors (*ad hoc*) to write an article summarizing his/her work in these journals and their relationship with Cemoroc. In this article, the author presents the relationship of Cemoroc and special issues of CEMOROC's journals wherein she was the Editor.

**Keywords:** CEMOROC; Celebration 25 years; humanism and action; religious education in public schools; Herbert Kelman.

### Apresentação

A pluralidade da intersubjetividade requer a comunicação, e esta pressupõe o que Kant chama de “mentalidade alargada”, isto é, um pensar sempre ligado ao pensamento do que o outro pensa.

Celso Lafer<sup>2</sup>

Vivendo em condições permanentemente desafiadoras no Brasil, como vive o mundo científico, aniversários acadêmicos são motivo de justa celebração. Ao mesmo tempo, é uma grande honra fazer parte de uma história como é a do Centro de Estudos Medievais Oriente - Ocidente – CEMOROC e de modo particular de suas publicações que, em 2022, perfazem 25 anos e 300 volumes.

Quando se organizou a celebração de tão relevante feito, mediante publicações coletivas envolvendo participantes do CEMOROC, me foi solicitado que trouxesse o registro e reflexão sobre dossiês em que atuei como “*Editor*”, no estilo consagrado em língua inglesa. Trata-se, portanto, de trabalho de revisão de obras, que muito honra esta pesquisadora, pela homenagem que se faz assim ao CEMOROC, à pessoa de seu fundador e presidente, Professor Doutor Jean Lauand, bem como ao Professor Doutor Sylvio Horta, co-fundador e editor de internet.

---

<sup>1</sup> Professora Sênior da FEUSP. Pesquisadora 1 do CNPq. Email: [roselif@usp.br](mailto:roselif@usp.br).

<sup>2</sup> LAFER, C. (2003), p. 24.

Metodologicamente, o primeiro momento para esse trabalho foi a identificação dos volumes especiais para os quais atuei como *Editor*, coletando, então, os dados de cada um desses volumes para posterior tratamento para o presente artigo.

Foram apenas quatro números de revistas em que trabalhei como *Editor*, publicadas pelo CEMOROC, marcadas por grande diversidade, exclusividade do tema, sendo elas, em ordem cronológica:

- a) *Revista Internacional d'Humanitats*. Ano IX – n. 10 – 2006.  
<http://www.hottopos.com/rih10/index.htm>
- b) *NOTANDUM–Libro 9. Série Especial de Livros da Revista Notandum*. (Junho 2007).  
Dossier Kelman. <http://www.hottopos.com/kelman/>
- c) *NOTANDUM* - Ano XV - N. 28 jan-abr 2012 - Edição especial  
Ensino religioso em escolas públicas: ameaças ao Estado laico  
<http://www.hottopos.com/notand28/>
- d) *Dossiê: Educação e Direitos Humanos – ISLE* - No. 22 jan-abr 2016  
<http://www.hottopos.com/isle22/index.htm>

Um balanço numérico dos referidos números trouxe como resultado que meu trabalho, como *Editor* no CEMOROC, soma até o presente: 36 autores, 24 artigos, 1 documento internacional da UNESCO na íntegra, que se tornou fonte histórica, 3 manifestações de autoridades da UNESCO, 14 cartas de acadêmicos ou autoridades de diferentes países e continentes, cartas essas apresentadas como parte de um dossiê, finalmente premiado com uma menção honrosa de um prêmio internacional da UNESCO, Paris. Lembro que, evidentemente, deixei de lado os demais trabalhos de minha autoria publicados em periódicos do CEMOROC, que foram objeto de outros artigos comemorativos assinados por colegas desse Centro.

Por outro lado, o olhar “para dentro” desses trabalhos para integrarem a comemoração, trouxe junto o impulso metodológico de pensá-los “para fora”, no sentido de quais seriam os vínculos desses quatro volumes, publicados como edições especiais, com o conjunto dos periódicos do CEMOROC.

Debraçando-me sobre o trazido semelhante impulso, apresentaram-se muitas reflexões, muitas possibilidades heurísticas, e ao mesmo tempo a necessidade de expressar de modo simples e sintético esses vínculos. Foi a tentativa de descrever o homenageado pelo dossiê que leva seu nome, Professor Herbert Kelman, à qual retornarei na parte 3 do presente artigo, que resultou, para mim, na compreensão sobre os vínculos entre os quatro dossiês e as publicações do CEMOROC: humanismo como vocação e ação como destino.

## **1. Humanismo e ação**

Do ponto de vista das publicações, seus conteúdos e autores/autoras, como pensar o humanismo como vocação? Embora ousada a questão, porque seria impossível reduzi-la a um texto, são tantos os artigos do CEMOROC que podem auxiliar a fazer essa reflexão de modo aprofundado, que a ousadia desaparece, ao indicar o caminho e não a resposta. Chama a atenção, por exemplo, importante texto publicado em duas partes, em dois diferentes volumes, do Professor Alfonso López

Quintás (2019), intitulado, exatamente, “A formação adequada à configuração de um novo humanismo”. Na melhor tradição filosófica, em vez de respostas, aproveitou o ensinamento de Quintás (ver a Figura 1, com foto do filósofo), que as formula após evocar palavras de Einstein, pouco antes de morrer, dizendo que tudo mudou com o átomo, menos o modo de pensar da humanidade e, “por isso, caminhamos rumo a uma catástrofe sem igual” (Einstein, apud QUINTAS, 2019, p.183). Agora então, as questões de Quintás (2019, p. 183), lançadas a propósito de como seria possível evitar a catástrofe:

A cada dia que passa, me convenço mais de que o momento atual da humanidade (...) é o mais propício para que pensemos séria e detidamente sobre essas questões: Qual é a nossa maneira de pensar? Qual é o ideal que temos na vida? Para onde direcionamos a vida? Qual é a meta?

Figura 1 – Alfonso Lopes Quintás no I Seminário Internacional Cemoroc, Feusp, 2001



Fonte: Arquivo pessoal Jean Lauand

A contribuição que os muitos artigos presentes nos 300 volumes são subsídios importantíssimos para responder a essas perguntas, mesmo pela diversidade de linhas e abordagens que trazem as publicações. Ou seja, humanismo como vocação.

Por outro lado, por que o entendimento de “ação como destino” para tão preciosa produção acadêmica coletiva? Aqui é Hannah Arendt que oferece o fundamento, especialmente em seu clássico *A condição humana*, e no livro *Entre o passado e o futuro*, central para conhecer o pensamento da filósofa sobre educação.

Em *A condição humana* (ARENDR, 2000; original em inglês, 1958) – escrito após o marco em que se constituiu a obra de Arendt “Origens do totalitarismo” –, a reflexão em torno do que é e do que representa a ação para o ser humano, é um dos eixos da obra, em especial pelo lugar que a expressão “*vita activa*” assume. No capítulo V do livro, dedicado especificamente a refletir o que é a ação, registra-se das mais belas páginas da Filósofa. Trata-se da relação entre a ação humana e aquilo que ela desencadeia, ou seja, a imprevisibilidade e a irreversibilidade (ARENDR, 2000, p. 248-259). É a imprevisibilidade que Arendt associa ao poder de prometer, como a irreversibilidade ao poder de perdoar.

É minha compreensão que a educação atua e se localiza na intersecção dessas possibilidades abertas pela ação humana – imprevisibilidade e irreversibilidade –, ao fundamentar-se nos poderes que desafiam. Assim, em toda educação há um ato de perdão em direção a tudo que o passado realizou de forma imprópria, ou mesmo

errada, ou que tentou destruir; e há também um ato de esperança, mesmo que em direção a tudo que o futuro, por se realizar, não pode e não consegue prometer. Essa reflexão sobre a tensão que a educação abriga em si, trago à análise como pensamento de uma educadora, não se tratando de Arendt a apresentar semelhante elaboração para a educação – não, ao menos, em *A condição humana*. Contudo, Arendt dela se aproxima em sua obra *Entre o passado e o futuro*, reconhecida como sua obra mais detidamente voltada para a educação.

Em um dos tantos trechos notáveis daquele livro que é referência fundamental para a Educação, Arendt (2001, p. 28 – 42) traz um aforismo de René Char e uma das parábolas modelares de Kafka, sendo a produção de um diálogo reflexivo entre o aforismo e a parábola que compõe o denso prefácio da obra e que o inspira. Qual o lugar do pensamento? Qual o lugar da ação? Do aforismo de Char, Hannah Arendt ensina a herança sem testamento que o ser humano recebe – que o beneficia e também revela um legado que ao mesmo tempo o coloca e o subtrai do tempo. Entendo que é também uma lição de humildade, porque onde se tende a ver originalidade, grandiosidade ou inovação, ou seja, tudo que poderia servir como combustível para a vaidade ou o orgulho, o que existe de fundamento veio de antes, sem testamento, porém explícita e inegavelmente herança, portanto algo a dedicar tributo, relativizando a suposta conquista, ou os supostos grandes feitos.

Continuando a reflexão independente de um espaço, ou tomando o tempo como espaço da ação humana, Arendt com a parábola de Kafka torna mais complexa a relação, pois indica um conflito entre o passado e o futuro. É com perplexidade que nos dá a nova, não tão boa, que é esse futuro kafkiano, recriado ao modo arendtiano, que impõe resistência para que o passado avance para além do presente, ao contrário do que sempre se imagina, que o passado é que tentaria permanecer. Ou seja, a tensão entre esses tempos lineares que a mente ocidental habituou-se a utilizar – passado, presente, futuro –, nem é tão linear como usualmente referido, como, ainda mais, gera um lugar de desconforto, de constante embate. Esse, segundo Arendt, é o lugar do pensamento (e da Filosofia), sendo também, por isso, o lugar da educação.

Quando retorna para René Char, é mais que o aforismo que interessa a Arendt. É a posição da geração de Char, que foi “arrancada de suas ocupações” com o pensamento, como diz Arendt (2001, p. 34 ) para os “compromissos da ação” (idem), quando se viu na necessidade de lutar contra o mal, nesse caso, passando a integrar a “Resistência”, ou seja, a Resistência Francesa ao nazismo. Com a vitória sobre o mal, então, e vitoriosa a esperança que havia irrigado a saída para a ação, foi possível, ou mais ainda, exigiu, ou forçou, mesmo, que retornassem ao campo próprio do pensamento e da reflexão. Penso, por exemplo, quanto devem ter cobrado a reflexão daqueles poetas, intelectuais, acadêmicos, temas como as origens e os rumos daquela vitória, saber que algo remanesceu do mal, ovo da serpente que, seis ou sete décadas depois do livro em tela, insiste em tentar retornar, com riso sádico e a novidade da grande difusão propiciada pelas redes sociais.

Como exemplo inequívoco da persistência do mal, a recente visita que o presidente Bolsonaro recebeu, de deputada alemã do partido político de ultra-direita Alternative für Deutschland – AfD, cujo avô foi ministro das finanças de Hitler por quase dois anos. Compromisso realizado sem que estivesse divulgado na agenda oficial, embora realizado no Palácio do Planalto, causou revolta e manifestações de repúdio dos meios de comunicação em geral, bem como de diversas instituições<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a matéria “AJC divulga nota de apoio à Conib após condenação a recepção a parlamentar em Brasília”, divulgada pela Conib (Confederação Israelita do Brasil) em <https://www.conib.org.br/ajc-divulga-nota-de-apoio-a-conib-apos-condenacao-a-recepcao-a-parlamentar-em-brasilia/>. Ver também a esclarecedora nota sobre a AfD com o título “IBI diz que com visita ao Brasil

todas explicitando as bases totalitárias, para além de autoritárias, do atual detentor do posto máximo do Governo Federal – e todos as ameaças e perigos que as cercam. O passado que essa visita evoca, não se coaduna com o largo sorriso que ostentam na foto publicada pela própria deputada em sua conta pessoal no Instagram e a partir dali reproduzido por inúmeros órgãos de imprensa, nacionais e estrangeiros<sup>4</sup>.

Incluindo na reflexão a geração anterior a Char, quanto às mesmas transições e exigências, questionamentos e esperanças, Arendt assim se refere ao que havia sido, então, em sua análise, a primeira metade do Século XX:

Caso fosse preciso escrever a história intelectual de nosso século, não sob a forma de gerações consecutivas, onde o historiador deve ser literalmente fiel à sequência de teorias e atitudes, mas como a biografia de uma única pessoa (...), veríamos a mente dessa pessoa obrigada a dar uma reviravolta não uma, mas duas vezes: primeiro, ao escapar do pensamento para a ação, e, a seguir, quando a ação, ou antes, o ter agido, forçou-a de volta ao pensamento.” (ARENDR, 2001, p. 35).

Arendt retoma os personagens da parábola de Kafka para detalhar essas “reviravoltas” como a tensão do presente, pressionado entre um passado que quer mas hesita partir, e um futuro que deseja, mas hesita se impor. Mais um campo de batalha, portanto, que o conforto da calmaria que se gostaria de ter para viver. Por isso essas “reviravoltas” são uma constante a quem se posiciona frente à vida intelectual, à vida acadêmica, com compromisso e destemor. Arendt afirma que seu pressuposto é que “o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde pode obter orientação” (ARENDR, 2001, p. 41).

## 2. Periódicos do CEMOROC: humanismo e... qual ação?

Buscando compreender, retrospectivamente, como os números das revistas do CEMOROC em que atuei como *Editor* relacionam-se ao conjunto das publicações desse destacado e relevante centro de estudos, encontrei, assim, o cerne da relação no eixo dado pelo humanismo como vocação e a ação (no modo arendtiano antes tratado) como destino. Por exemplo, um artigo que é publicado, ao ser lido – ou mesmo, enquanto é escrito – desencadeia reações de ordem vária, mas que são, em síntese, imprevisíveis e irreversíveis. Afinal, a pesquisa e a produção escrita, dela resultante, são componentes da ação humana. Nesse sentido, os 300 volumes, ao longo de 25 anos, do CEMOROC, trazem essa marca.

---

AfD busca legitimidade internacional”, em <https://www.conib.org.br/ibi-diz-que-com-visita-ao-brasil-afd-busca-legitimidade-internacional/>. Relevante também a matéria de El País, “Extrema direita: amigos de Israel se necessário, amigos do antissemitismo sempre que possível”, em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-28/amigos-de-israel-se-necessario-amigos-do-antissemitismo-sempre-que-possivel.html>. Ver também o excelente artigo de Fábio Zuker e Pedro Beresin publicado pela revista piauí, intitulado “Bolsonaro, os judeus e o antissemitismo: Presidente buscou ganhos políticos ao fazer crer que ele e a comunidade judaica seriam unha e carne; agora, acuado, apela ao discurso antissemita”, in <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-os-judeus-e-o-antissemitismo/>.

<sup>4</sup> Algumas das fontes mencionadas na nota de rodapé n. 3 trazem a referida foto, ficando aqui, também, a indicação da matéria publicada em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/26/fora-da-agenda-bolsonaro-se-reune-com-deputada-de-extrema-direita-da-alemanha.ghtml>.

Mas o desenvolvimento editorial das publicações do CEMOROC têm seguido rumo próprio, quanto a lidar com o que é gerado na intersecção entre o poder de perdoar e o poder de prometer. Tantos desafios que tantos autores enfrentam no processo de pesquisa e de escrita, muitas vezes são multiplicados de modo exponencial quando se busca publicação. O modo de manter a qualidade dos periódicos, ao mesmo tempo que cultivava certo acolhimento acadêmico, inspira um perdão a tudo que deixou marcas.

O artigo frequentemente gerado em meio àquela tensão do campo de batalha entre pensamento e ação, quando transformado em páginas e publicado – não sozinho, mas em meio a seus pares na criação, na batalha e na esperança – de certo modo perdoa tudo o que antes se passou. Cada artigo também é uma promessa, brotando em meio a toda imprevisibilidade do mesmo campo de batalha, aproximando o passado e o futuro.

Seria simples concluir que, por tudo o que traz, a produção do CEMOROC seria, em si, um tipo de pensamento-em-ação. O rol de autores e autoras de notável reconhecimento acadêmico é extenso, abrangendo nomes nacionais e internacionais – esse o âmbito esperado de publicações acadêmicas de qualidade. Mas a busca constante, o “escapar” do pensamento para a ação e dela “escapar” para retornar ao pensamento, acabou por impor-se nos processos de criação do CEMOROC – e aí, confortavelmente, encontro com muita alegria os dossiês que editei. Tanto em detalhes como em novos temas e abordagens, que são tornados visíveis e ganham o estatuto de magníficos, como o são na vida. Destaco aqui, entre tantos outros exemplos, um artigo, uma linha de editoria e uma criação para além de inovadora, muito fértil.

Começando pelo texto que escolhi para destacar o mergulho na vida, é artigo que se apresenta como (se fosse) resenha, denominado “O Clube dos Professores da USP: Origens e Desígnios” de Claudio Gorodski, professor titular do Instituto de Matemática e Estatística da USP, e foi escrito pelos editores da Revista Internacional d’Humanitats, professores Sylvio R. G. Horta (ver Figura 2, que apresenta foto do pesquisador) e Jean Lauand, periódico no qual foi publicado em seu número 53 (<http://www.hottopos.com/rih53/Clube.pdf>).

Figura 2 - Sylvio Horta no XVI Seminário Internacional Cemoroc 2015



Fonte: Arquivo pessoal Jean Lauand

Na verdade, o livro resenhado é o início de uma reflexão sobre um espaço afável e precioso de convivência com que contou o Cidade Universitária Armando de

Salles Oliveira da USP ou, simplesmente, Cidade Universitária<sup>5</sup>, no Butantã, em São Paulo, por cerca de 30 anos, que foi extinto em 2016, depois de ter passado períodos de reformas, adaptações, alterações. Destinado a servir almoço, e em alguns períodos, jantar leve combinado com atividades de *happy hour*, era de fato uma experiência única, aberta ao diálogo agendado para uma reunião em torno de petiscos, ou o diálogo e o encontro inesperado e fecundo entre acadêmicos e convidados. De modo especial esse artigo me tocou, e toca, ao trazer foto, aqui reproduzida na Figura 3, singelamente destacado na legenda: “Equipe do Clube dos Professores: Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson, Lima com JL”. Ao destacar aqueles seres humanos que trabalhavam como garçons no Clube dos Professores, conhecendo cada frequentador ou frequentadora, oferecendo não apenas um serviço excelente, mas uma riqueza humana incomparável. É humanismo e ação.

Figura 3 - Equipe do Clube dos Professores: Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson e Lima, com Jean Lauand



Fonte: Arquivo pessoal Jean Lauand

O feito que escolhi para tratar sobre como os periódicos do CEMOROC têm propiciado também a via reversa, ou seja, escapar da ação, no caso, cotidiana, para o pensamento, a reflexão, de modo a produzir novos sentidos a um mundo frequentemente confuso e desconcertante. Refiro-me à linha editorial que foi se implantando pouco a pouco, na ação do CEMOROC em colaboração com escolas públicas, espaço de extrema relevância social, de formação de crianças, adolescentes, jovens, no qual se tornou constante, em termos de saúde do trabalho, a incidência da síndrome de *burnout*, entre outros males que acometem o corpo docente e mesmo o corpo discente. Campo de batalha, portanto, psíquico e, infelizmente, muitas vezes até, físico, e que se pretendia, ou ao menos se gostaria, ter como espaço pacífico de trabalho educativo.

---

<sup>5</sup> Observe-se que, abandonando a história e a tradição uspiana, houve uma gestão na Reitoria da USP que decidiu mandar implantar um poste de identificação na Portaria 1 da Cidade Universitária, com a imprecisa inscrição “Campus da Capital”. Trata-se de informação imprecisa, porque na Capital do Estado de São Paulo há diversos campi, espalhados pela cidade, conforme foram mantidos, preservando sua própria história, como a Faculdade de Direito, a mais antiga, marco no Largo São Francisco, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Saúde Pública, a Escola de Enfermagem, o Museu do Ipiranga, entre outros.

Essa direção tem sido muito beneficiada pela iniciativa e participação da Professora Doutora Chie Hirose, por sua experiência e compromisso com a escola pública, combinada com expressiva e densa formação acadêmica e prática como pesquisadora. O envolvimento direto do Editor in Chief das publicações do CEMOROC, Professor Doutor Luiz Jean Lauand, para planejar e desenvolver, em conjunto com Hirose, tanto atividades dirigidas específica e diretamente para as crianças dessas escolas, como pode ser visto na Figura 4, como programas de formação continuada docente.

Figura 4 : Jean Lauand cercado e abraçado pelas crianças da EMEFM Vereador Antonio Sampaio



Fonte: Arquivo pessoal Jean Lauand.

Sobre esse trabalho desenvolvido pelo CEMOROC, é importante mencionar que resultou em atividades riquíssimas, relatadas e analisadas, com belíssimas Figuras, nos dois artigos apresentados pela professora Hirose, em co-autoria com o Professor Doutor João Sérgio Lauand, no âmbito das publicações celebratórias dos 25 anos das revistas do CEMOROC (Convenit Internacional 36-37, em [www.hottopos.com/convenit36/6JSgChie1Atividades.pdf](http://www.hottopos.com/convenit36/6JSgChie1Atividades.pdf)).

Outro dos resultados dessa dedicação tem sido, além dos cursos de formação continuada, publicações de professoras e professores da rede pública estadual e municipal, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento a respeito do chão da escola. É novamente a professora Chie Hirose que, dedicadamente, reuniu os artigos produzidos por docentes da rede pública de ensino como parte das publicações comemorativas dos 25 anos do CEMOROC (Convenit Internacional 36-37, em [www.hottopos.com/convenit36/8ChieAutores.pdf](http://www.hottopos.com/convenit36/8ChieAutores.pdf)).

Finalizando a presente seção, passo a tratar, mesmo que brevemente, da criação que vem do CEMOROC para o mundo acadêmico a que me referi, terceira vertente de abordagem de humanismo e ação, vinculada tanto à segunda vertente, das relações com a rede pública e privada de ensino, como à primeira, criando algo novo e promissor. Refiro-me à publicação *Coepta*.

Periódico acadêmico dirigido a estudantes do ensino médio, é publicado de modo a ocupar, em revezamento, edições renovadas de alguma das revistas já existentes do CEMOROC. Vem, assim, intitulada como *Convenit Internacional-Coepta*, ou *International Studies-Coepta* (quando alojada na *International Studies of*

*Law and Education*), ou ainda *Revista Internacional d'Humanitats* – nesse caso, identificada também como *RIH-Coepta*.

A Figura 5 registra, segurando o volume impresso da *Coepta 3/4*, da esquerda para a direita: a professora Chie Hirose, importante participante do CEMOROC, já mencionada antes, a aluna Larissa Alves Calderon Britto, a aluna Bianca Aracely Lopes Jarro, a professora Lis Régia Pontedeiro Oliveira (autoras/orientadoras de um dos artigos – lembrando que o outro autor, aluno Rafael Tartalho não está na foto), aluna Stephani Lima Primo e Profa. Adriana Vasconcellos (autora e orientadora do segundo artigo da mesma escola). Ambos artigos se encontram em *Coepta* No. 3/4 [http://www.hottopos.com/isle34\\_35/](http://www.hottopos.com/isle34_35/)

Figura 5 – Autoras de artigos na *Coepta 3/4* - Escola Pública – Cidade de São Paulo – SP



Fonte: Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo  
<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/estudantes-do-ensino-medio-publicam-artigos-cientificos-em-revista-da-usp-pela-primeira-vez/>  
Publicado em: 29/11/2019 18h58 | Atualizado em: 30/11/2020.

Vale acrescentar aqui, ainda, que o reconhecimento da relevância da publicação, tanto para as estudantes como para a escola e para a própria Rede Municipal de Ensino de São Paulo, que o o Portal da Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal da Educação, noticiou o fato com destaque, publicando a foto acima mencionada. A presença da *Coepta*, com destaque, no relevante portal está reproduzido na Figura 6. Assim, a foto anterior pode ser vista como um efeito de *zoom* fotográfico no destaque honroso que mereceu das autoridades municipais.

Figura 6 – Destaque à *Coepta* nas notícias da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo – SP



Fonte: Portal da Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/estudantes-do-ensino-medio-publicam-artigos-cientificos-em-revista-da-usp-pela-primeira-vez/>

Outro reconhecido destaque recebido pela *Coepta* foi dado pela Prefeitura da Cidade do Guarujá, litoral do Estado de São Paulo, no portal da cidade, especificamente no sítio da Secretaria Municipal de Educação. Ali, o professor doutor Roger Marchesini de Quadros Souza, experiente pesquisador, colaborando com o CEMOROC e com o docente responsável, o professor doutor José Cláudio Diniz Couto, na iniciativa que envolveu um total de 21 alunos do 9º ano da Escola Municipal Napoleão Rodrigues Laureano daquela cidade litorânea, distribuídos em três grupos que produziram três artigos, publicados na *Coepta* 3/4. Na Figura 7, pode ser visto todo o grupo envolvido, no lançamento da revista no Colégio Luterano.

Figura 7 – Autores/as de artigos na Coepta 3/4 - Escola Pública – Cidade do Guarujá – SP



Fonte: [www.guaruja.sp.gov.br/alunos-do-ensino-fundamental-de-guaruja-tem-artigos-publicados-em-revista-cientifica/](http://www.guaruja.sp.gov.br/alunos-do-ensino-fundamental-de-guaruja-tem-artigos-publicados-em-revista-cientifica/)

Um aspecto a indicar cuidado com vínculos editoriais é que, em cada coedição do revezamento entre as publicações do CEMOROC, há dois registros: um, segue a numeração existente da revista que a abriga naquele momento, de modo *ad hoc*; ao mesmo tempo, agrega uma segunda numeração específica da *Coepta* que, como lembram os editores, é “palavra latina que indica não só início, mas um início de iniciativa, iniciação, empreendimento” (LAUAND, J.; COLELLO, S.G.). Dessa forma, *Coepta* generosamente entrelaça as diversas publicações do CEMOROC, para que sejam todas incluídas nesse importante trabalho de promover jovens autores e autoras.

Se essa publicação encontrou o impulso criativo na experiência e excelência acadêmica de Jean Lauand, como sonho lançado ao futuro, a consolidação das possibilidades, como a ampliação e o aprofundamento da relevante proposta teve no Colégio Luterano, em São Paulo, com o decidido trabalho de seu diretor, Professor Doutor Enio Staroski, uma sede acolhedora, bem como no dedicado trabalho editorial da Professora Doutora Chie Hirose e da Professora Doutora Silvia Gasparian Colello, em colaboração com Jean Lauand, a direção da qualidade esperada para a perspectiva acadêmica. Já são seis números publicados, ampliou-se o número de escolas públicas e privadas que têm submetido artigos de seus jovens estudantes de ensino médio, e o resultado apenas consolida a belíssima proposta de *Coepta*. A Figura 8 traz conferência promovida pelo CEMOROC para professoras e professores das redes privada e pública de São Paulo no Colégio Luterano, com a professora Silvia Colello à direita do professor Lauand e, à esquerda, o professor Ênio Starosky.

Figura 8 - Conferência do Cemoroc no Colégio Luterano São Paulo.  
Realizada em 19/06/2018.



Fonte: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07h.html>

Um ganho para todas e todos, completamente imprevisto, vinculando de modo muito forte o humanismo e a ação, do modo como apenas a educação pode promover, veio com o sucesso de uma jovem autora que publicou seu trabalho, em co-autoria, na mais recente edição da Coepta (em <http://www.hottopos.com/rih52/61-70ArenaTCC.pdf>). Trata-se de Nicole Vieira (Nicole Vieira Pires), que tem recebido grande destaque em toda a imprensa. É que, como informa, por exemplo<sup>6</sup>, em 20 de maio de 2021, o portal G1, setor de Goiás:

*“Moradora de Goiânia, Nicole Vieira Pires, de 18 anos, foi contemplada com uma bolsa de cerca de R\$ 2 milhões para estudar na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Além disso, é uma das dez pessoas do mundo selecionadas para integrar o programa “Science Research Fellow”, uma comunidade científica que coloca jovens em contato direto com professores vencedores do Prêmio Nobel”.*  
(<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/05/20/goiana-ganha-bolsa-integral-de-cerca-de-r-2-milhoes-para-estudar-em-universidade-dos-estados-unidos.ghtml>).

Sobre a jovem autora do CEMOROC, narrou-me em e-mail o professor Jean Lauand, como já mencionado, *Editor e publisher* das revistas do CEMOROC:

A Nicole, sempre muito agradecida, escreveu em e-mail de 29-12-2020:

*Prezados Silvia [Gasparian Colello] e Jean [Lauand],  
Neste fim de ano, gostaria de agradecê-los. Fico extremamente grata e lisonjeada pelo fato de terem abraçado minha ideia e estarem dispostos tão prontamente a ajudar. Com certeza, o trabalho de vocês como educadores muda a vida de muitos jovens e os potencializa enquanto pesquisadores.*

---

<sup>6</sup> Ver, também, sobre Nicole Vieira: Podcast do cientista Marcelo Gleiser em <https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly9hbmNob3luZm0vcy80YzAxZTc3MC9wb2RjYXN0L3Jzcw==>; Portal Uol: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/05/20/goiana-ganha-bolsa-de-r-2-milhoes-nos-eua-e-sonha-em-ser-astronauta.htm>; entrevista na Globo em <https://www.youtube.com/watch?v=adbV8moNavo>.

Destaca, Lauand, que a professora Silvia foi a responsável por descobrir, por assim dizer, o talento acadêmico de Nicole Vieira (Nicole Vieira Pires) na edição da *Coepta* correspondente à Revista Intercional d'Humanitats n. 52, publicada em <http://www.hottopos.com/rih52/61-70ArenaTCC.pdf>.

Particularmente belo é o fato que a própria Nicole chama atenção, ao dar destaque e uma página exclusiva em seu website pessoal, para essa relevante publicação, como se vê na Figura 9.

Figura 9. Reprodução da tela de página no website pessoal de Nicole Vieira



Fonte: <https://www.nicolevieirapires.com/conquistas>

Trata-se, portanto, de humanismo e ação coexistindo nas muitas mãos que transformam criativa e laboriosamente, a cada número da *Coepta*, como das publicações-irmãs “mais velhas” do CEMOROC, o campo de batalha da relação entre pensamento e ação, em avanços e ganhos que se consubstanciam em bem comum e bem de cada pessoa envolvida, como bem demonstra o caso de Nicole.

### **3. Direitos humanos, Estado laico, luta contra o racismo e a discriminação**

As possibilidades de tratamento das relações entre humanismo e ação comportam um sem número de vertentes e desdobramentos, como se sabe. Tratarei agora, brevemente, sobre como as publicações em que atuei como *Editor* estão vinculadas à reflexão que busquei operar no primeiro item do presente artigo. Para isso, apresento esses quatro números especiais de periódicos do CEMOROC deixando de lado a ordem cronológica, para adotar uma elaboração que tanto articule uma publicação a outra, como com o conjunto do CEMOROC, na perspectiva filosófica e ética adotada.

### 3.1 Ensino religioso em escolas públicas no Brasil

(Referente a publicação na revista NOTANDUM. Ano XV. N. 28 jan-abr 2012)

O primeiro dossiê que trago à consideração é resultado de projeto de pesquisa desenvolvido na USP, por mim coordenado, realizado com fomento na modalidade auxílio à pesquisa do CNPq. O projeto contou com a cooperação de pesquisadores das diversas regiões do Brasil, tendo como tema central a controvérsia do ensino religioso em escolas públicas.

No artigo de minha autoria que abre e apresenta a pesquisa e o dossiê, denominado *Inconstitucional: o ensino religioso em escolas públicas em questão*, ofereço preliminarmente um panorama do momento que transcorreu entre a proposta da pesquisa ao CNPq (em outubro de 2007) à publicação dos resultados da pesquisa, entre final de 2011 e início de 2012. Do mesmo modo preliminar, apresento uma visão geral dos 30 anos de existência e atuação do grupo de pesquisa que sediou o projeto, por mim coordenado na Faculdade de Educação da USP e certificado pelo CNPq na Plataforma Lattes, denominado Discriminação, preconceito, estigma: minorias étnicas e religiosas, cultura e educação.

Importante ressaltar que o dossiê não foi organizado a partir de textos individuais, mas efetivamente constitui-se em trabalho coletivo, resultado da pesquisa desenvolvida em diferentes estados e cidades do Brasil, como descrito no mesmo primeiro capítulo, tendo envolvido estudos, reuniões e seminários de apresentação de resultados preliminares com participação dos diversos pesquisadores. A equipe foi formada por três gerações de pesquisadores, de estudantes em diferentes graus de formação e titulação, da iniciação científica ao doutorado, uma geração de doutores com menos de 10 anos de titulação e uma geração de pesquisadores sêniores. Contou também com alguns consultores, que colaboraram com a pesquisa em diferentes momentos.

Os resultados dessa pesquisa, publicados pelo CEMOROC na Notandum n. 28, foram encaminhados e utilizados pelo Conselho Nacional de Educação, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal, este último em razão da ADI 4439/DF, que foi proposta pela Procuradoria Geral da República quando a pesquisa se encontrava em seu final, mas cuja tramitação se estendeu até julgamento havido em 2017.

Recupero, a seguir, textualmente, os poucos parágrafos de apresentação do dossiê, que constituem parte de meu artigo ali, já mencionado (Fischmann, 2012, p. 12-13). Com isso, posso trazer os nomes dos pesquisadores principais do projeto, que colaboraram para os resultados finais da pesquisa.

O artigo de Luiz Antônio Cunha, sobre o EREP no Estado do Rio de Janeiro, abre as apresentações de resultados e encaminha os artigos de Vânia Claudia Fernandes, sobre Duque de Caxias, e de Leonardo Barros Medeiros, sobre Petrópolis, que tiveram, respectivamente, orientação e supervisão de Cunha. Constituem-se, nesse sentido, em trabalhos que devem ser lidos, preferencialmente, em conjunto. A seguir, o artigo de Leila Gasperazzo Ignatius Grassi, recém doutora pela FEUSP, quando da realização da pesquisa, apresenta a situação de São José dos Campos, cidade que, ao lado de ser importante polo socioeconômico no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, fica situada no Vale do Paraíba, muito próxima a Aparecida do Norte, cidade marcada pela presença de santuário nacional que atrai peregrinos

católicos de todo o Brasil. A irradiação dessa presença geofísica ajuda a compreender a “naturalização” da fé católica, como se fosse única, e que aparece no artigo sobre S. José dos Campos. Nesse sentido, essa cidade mostrou-se mais interessante que a cosmopolita São Paulo, na qual a diversidade religiosa encontra-se por toda a cidade e, de certa forma, por toda a região metropolitana.

Após a apresentação desses casos da Região Sudeste, passa-se ao artigo de Thiago Molina, com a situação em Salvador. Embora pós-graduando da USP, em São Paulo, Thiago desenvolveu a pesquisa do seu mestrado em Salvador, com bolsa FAPESP, ali permanecendo por períodos de tempo que lhe permitiram estudar a cidade para melhor compreender a escola que era foco de seu mestrado, e que não foi incluída para o estudo do tema do EREP. De fato, o levantamento que fez, acabou por indicar uma vertente que não estava originalmente contemplada, relativa a convênios entre organizações de interesse público e o município, para o atendimento do direito à educação. Frente a seus achados, apresentados nos seminários-oficina, houve consenso que seu artigo deveria apresentar esses resultados sobre a relação público-privado e o ensino religioso no espaço público em que se transformam escolas particulares ou confessionais conveniadas.

O artigo de Fernando Seffner e seu orientando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Renan Santos, oferece um rico estudo sobre três municípios do Rio Grande do Sul: Alvorada, Porto Alegre e São Leopoldo. Oferece debate em torno do tema do tratamento de matéria religiosa como disciplina, indagando sobre os impactos sobre as liberdades laicas (categoria com a qual trabalha junto a pesquisadores como Roberto Lorea), e sobre a própria formação religiosa da criança.

Finalizando, o artigo de Jacira Helena do Valle Pereira e sua orientanda Miriam Mity Nishimoto apresenta um quadro da situação do EREP nos setenta e oito municípios do Mato Grosso do Sul, aprofundando-se, depois, em três deles, a saber, Campo Grande e dois outros a 100 km dessa capital, que as pesquisadoras decidiram não identificar por razões éticas. A organização do EREP é compatível com a mobilização religiosa desse estado em prol da inclusão do tema na Constituição Federal, assim como com os indiciamentos e prisões de centenas de mulheres, em 2008, por prática de aborto, em dinâmica que conduziu, até, ao suicídio da médica indiciada com as pacientes, após ter sofrido duradouro assédio sistemático.

Minha decisão de escolher essa publicação na Notandum como o primeiro dossiê tem relação com o fato de o ensino religioso nas escolas públicas ser tratado, muito frequentemente, de forma equivocada, como se fosse a única e magistral forma de adoção do humanismo nas escolas. Resulta, contudo, por ser provavelmente o contrário, por se tratar de complexa controvérsia a busca de compatibilizar os inúmeros, quase infinitos elementos envolvidos na oferta do ensino religioso nas escolas públicas nos termos da Constituição Federal de 1988, em especial quando se leva em conta que a laicidade do Estado no Brasil é definida pela mesma Constituição.

Assim, o desenvolvimento de pesquisas nesse tema, é tipicamente uma ação que se empreende em busca de superar (ou perdoar) o passado, pleno de equívocos e mesmo violações de direitos – passado assim irreversível –, ao mesmo tempo em que busca construir o que pode ser promessa para o futuro (inevitavelmente) imprevisível, almejando uma escola que efetivamente respeite todas e todos que ali vivem e atuam, nos mais diversos papéis sociais e escolares que são reservados a eles e a elas. Sobretudo, é indicação do quanto a reflexão exigente e profunda se mostra fundamental antes da ação, indispensável mesmo, para evitar equívocos que a aparência oferece, mesmo e em especial quando se invoca boas e até mesmo as melhores intenções.

### 3.2 Educação e direitos humanos

(Referente à publicação na *International Studies on Law and Education*. No. 22 jan-abr 2016).

O segundo dossiê que aqui apresento, tem como característica intencionalmente planejada oferecer perspectivas amplas e diversas sobre a relação entre direitos humanos e educação. Na epígrafe do presente artigo, trago um trecho em que o professor Celso Lafer retoma a expressão “mentalidade alargada”, de Kant, explicando que se trata de “um pensar sempre ligado ao pensamento do que o outro pensa” (LAFER, *idem*).

Quando os editores do CEMOROC me convidaram a organizar um dossiê sobre educação e direitos humanos na *International Studies on Law and Education*, procurei expandir os limites do que poderia ser incluído na reflexão coletiva que então se empreenderia. Ou seja, para pensar quem seriam os e as participantes do dossê, entendi que seria relevante fazer uma escuta das diversas buscas que se empreende, pelo País, na área da educação e especificamente da escola, para garantir direitos de crianças e jovens que, em razão das condições que vivem, ou mais frequentemente sofrem, apartando-as de direitos humanos os mais básicos que deveriam ter atendidos em suas vidas.

Nesse sentido, os diversos casos estudados no dossiê trazem uma visão ampla da complexidade com que se lida, no cotidiano, com a esperada relação entre humanismo e ação, abordada aqui. Afinal, tratar de direitos humanos é lidar com a construção histórica humana que resulta, ou melhor dizer, está no cerne da tradição humanista. Ao mesmo tempo, não há direitos humanos sem haver ação, pois é necessário estar implicado, ou implicada, no lugar sobre o qual se fala, para que seja também o lugar onde se atua. Tema portanto afeito à tradição do CEMOROC.

Assim, o dossiê em tela apresenta trabalhos inovadores, aprofundando questões relevantes social e academicamente, que era, então, relativamente pouco tratadas na perspectiva da relação entre direitos e educação. Mais ainda, lá referi o destaque à vertente da diversidade na Educação em Direitos Humanos, como proposta pela professora Vera Candau, pioneira e fundadora dos trabalhos na área de educação em/para direitos humanos no Brasil e América Latina. É também o modo específico como venho trabalhando desde o fim dos anos 1980, com o olhar voltado para a relação entre humanismo e ação, por intermédio de metodologias que privilegiam aspectos participantes da pesquisadora.

Participaram do dossiê autores de diferentes estados do Brasil, trazendo tanto questões locais e regionais, como também vínculos de tipo internacional, ligados à busca de melhores condições de formação e trabalho para docentes do ensino superior,

na relação com a educação básica. A seguir, faço, então, uma reprodução sintética da apresentação que foi feita na revista, parte textual e parte reeditada, que lanço, porém, *in totum*, como citação, parecendo-me o mais correto nesse caso.<sup>7</sup>

Vitor Chaves de Souza, da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, com seu artigo A metáfora de uma vida, presta homenagem à pesquisa de Rui de Souza Josgrilberg, docente e pesquisador que tem sido modelo de compromisso ético de educador para muitos e muitas, no campo da Filosofia, da Teologia, da Educação.

A autora deste artigo e organizadora do dossiê, Roseli Fischmann, apresenta Estado laico e ensino religioso nas escolas públicas: o posicionamento da CONIB no STF, em tórpor da polêmica histórica recorrente que envolve o tema, dando testemunho de sua participação na Audiência Pública realizada pelo Supremo Tribunal Federal em 15 de junho de 2015, relativa à ADI n. 4439/DF.

A seguir, uma sequência de três artigos trata de temas vinculados tanto aos direitos de crianças e adolescentes, como ao direito à educação. No primeiro desse grupo, denominado Assistência, proteção e direito à infância em Belém do Pará com a fundação do IPAI (1910-1912), de autoria das pesquisadoras e docentes da UFPA, Laura Maria Silva Araújo Alves e Sônia Maria da Silva Araújo, tem cunho documental, analisando a política de assistência, proteção e direito à infância na capital do Pará, a partir da fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), em 1912, por Ophir Pinto de Loyola, defensor da assistência médico-social-educacional às crianças pobres, desvalidas, órfãs, maltratadas e enjeitadas na Amazônia Paraense.

O segundo artigo desse grupo ligado ao direito das crianças e adolescentes é de autoria das pesquisadoras Celi Corrêa Neres, docente da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, e de Mônica de Carvalho Magalhães Kassar, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, intitula-se, Inclusão escolar de crianças com deficiência: do direito à matrícula ao acesso ao conhecimento em trajetórias escolares. Trata-se de estudo que se volta para a análise de aspectos da escolarização de alunos com deficiência em processo de inclusão escolar. As autoras tomam o caso de uma escola comum, no Município de Corumbá/MS, para verificar se, e quanto, é ali garantido o direito ao acesso ao conhecimento das crianças com deficiência, bem como quais são as condições que se oferecem para o desenvolvimento e a aprendizagem.

---

<sup>7</sup> Para o presente artigo obedeci as normas da ABNT em sua (quase) totalidade. Explico a “licença poética”, ou, melhor dizendo, “licença editorial”. Por se referir a obras para as quais atuei como *Editor*, ao longo de um período de 11 anos (2006 a 2016), a ele me referindo 5 anos depois, vejo matérias de memória que se unem a textos publicados. Fotos de realizações do CEMOROC, aqui homenageado, em diversas fontes. Com isso, algumas vezes decidi lançar a referência diretamente no texto, deixando para o final apenas o que foi utilizado como base do texto. Peço desculpas por isso e peço a compreensão do editor e do/a leitor/a. Obrigada.

Ainda nessa tríade de artigos que lidam com cotidianos educacionais e direitos humanos, o terceiro artigo leva-nos mais uma vez para o universo amazônico, dessa vez voltando-se para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade para frequentar a escola, como atualmente se diz, “na idade certa”. O artigo Alfabetização de jovens e adultos: superação de autoimagens negativas e direito à educação, de autoria das pesquisadoras Ivanilde Apoluceno de Oliveira, docente da Universidade do Estado do Pará, e de Margarida Maria de Almeida Rodrigues, Pesquisadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP e membro da equipe técnica da Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua- PA, traz reflexão aprofundada sobre a violação adicional que acompanha a violação ao direito à educação: a violação do direito à liberdade de consciência, mediante autoimagem positiva e confiante do próprio valor. Ao ressignificar as autoimagens negativas, por meio da prática pedagógica popular freireana, o que se oferece é a compreensão de que jovens, adultos e idosos são e devem ser tratados plenamente como sujeitos de direitos.

O dossiê apresentar, então, vivências e iniciativas de cunho internacional, envolvendo escolas públicas e seus/suas docentes, já em ação ou em formação. Observe-se que não se trata de discussão simplesmente teórica ou especulativa. São investigações conduzidas efetivamente no calor da vida vivida em cenário internacional. Esses estudos ligados ao tema da internacionalização da educação básica ou superior, é constituído por quatro artigos.

O primeiro artigo desse grupo traz relato dos pesquisadores Roger Marchesini de Quadros Souza e Edson Fasano, intitulado O PASEM e a Universidade Metodista de São Paulo: relato de duas experiências de discussão da realidade educacional do Mercosul, sobre sua vivência como representantes da referida Universidade, da qual eram docentes, em atividades distintas do PASEM. A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação ligada ao Ministério da Educação (MEC), desenvolve dois programas no campo da formação docente, inicial e continuada. Refiro-me ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, e o Plano Nacional de Formação de Professores – Parfor, em andamento desde 2014. As duas iniciativas contam com apoio das Secretarias de Educação de municípios do Grande ABC paulista, em especial de São Bernardo do Campo, onde se localiza a universidade mencionada.

Essa base da vivência como representantes da universidade, serve de base também para o relato dos autores, sobre sua participação em duas ações do Programa de Apoio ao Setor Educacional do Mercosul (PASEM) quais sejam, o Seminário PASEM - Caminhos da formação docente no Mercosul, e as Passantias. A busca da compreensão das práticas desenvolvidas em países vizinhos pode representar um ganho para os formadores e formandos, assim como um alargamento de horizontes, na reflexão compartilhada, no âmbito não apenas de diferentes estados e municípios do Brasil, mas do Mercosul como um todo, contando a iniciativa com o apoio da União Europeia.

Envolvendo também a CAPES, em outra iniciativa de cunho internacional vinculada à formação docente para a educação básica, no segundo artigo desse grupo de programas internacionais, a pesquisadora Rosemeire Aparecida Bom Pessoni, da Universidade Metodista de São Paulo, doutora em Ciências e, posteriormente, doutora em Educação, oferecia resultados preliminares de pesquisa então inédita, que resultou em sua tese, voltada para o Programa Licenciatura Internacionais Capes/Portugal como agente transformador da educação básica no Brasil. A autora reflete sobre a relevância desse programa da CAPES, em um quadro nacional de ausência de professores habilitados para ministrar aulas nas escolas em geral, mas especialmente nas escolas públicas.

A seguir, como terceiro dessa vertente internacional, no rastro de Eduardo Galeano, o inspirado e crítico escritor uruguaio falecido em 2015, a pesquisadora doutora Jacira Helena do Valle Pereira Assis, atualmente professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresenta o relevante artigo *Veias abertas nas fronteiras internacionais do Brasil: percalços na efetivação da educação como um direito universal*. Trata-se de mais um resultado inédito de tema original que a pesquisadora desenvolve de modo pioneiro desde o final dos anos 1990, ligado ao mundo da escola nas fronteiras internacionais do Centro-oeste brasileiro. Em que pese sua relevância, são situações frequentemente desconhecidas de pesquisadores habituados ao cenário urbano das grandes metrópoles. Entre fronteiras secas e cidades gêmeas, há uma legislação internacional em jogo. Mas há, de modo especial, vidas de crianças e adolescentes que vão em busca de educação de qualidade em terras brasileiras, que compartilham culturas e línguas, em plurais que se desdobram, para mostrar um universo educacional complexo, cujo estudo tem um potencial heurístico próprio. Nesse âmbito, o artigo traz dados empíricos interessantíssimos, ao mesmo tempo que “apresenta como possibilidade o dimensionamento do Programa Escola Intercultural de Fronteira (PEIF), em desenvolvimento desde 2005 no Brasil com países latino-americanos”.

Finalizando o dossiê, e como quarto e último artigo voltado para as vivências internacionais, o sensível e impressionante artigo da pesquisadora Chie Hirose, do CEMOROC/USP e professora de escola municipal da cidade de São Paulo, já citada no presente artigo, que oferece relato e reflexão sobre o que leva o título de *Uma experiência de diálogo BrasilJapão: alunos e professoras de ensino básico*. Trata-se de uma vivência que permite comparação longitudinal, desenvolvida pela dedicação de duas professoras de educação básica, sendo uma a própria pesquisadora, a partir da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, e a outra, uma professora de escola básica do Japão. Com grande dedicação (e sem apoio, como infelizmente é tão usual), três docentes promoveram a comunicação entre seus respectivos alunos, voltando-se de modo especial para os temas das culturas de cada grupo de estudantes, dos direitos humanos e da paz, sendo este último, em especial, muito caro ao Japão, como atitude notável em face dos imensuráveis sofrimentos com as bombas atômicas lançadas

sobre seu território, em Nagasaki e Hiroshima, em 1945. Em meio aos trabalhos, as perdas sofridas no Japão por mais um tsunami, puderam promover momentos de reflexão e solidariedade, enquanto a pesquisadora aproveita a riqueza da vivência para debater possibilidades vinculadas à proposta de tratamento transversal de temas tão relevantes, de modo substancial, em oposição ao tradicional modo superficial com que se lida mais com as palavras, do que propriamente com seus sentidos e significados, o que de fato impacta e permanece ao se tratar de Educação.

### 3.3 Cidades contra o racismo, a discriminação e a xenofobia e a UNESCO (Referente à publicação na Revista Internacional d'Humanitats. Ano IX. N. 10, jul-dez 2006, em espanhol).

A terceira publicação do CEMOROC de que trato, aqui, refere-se a fato internacional, no qual estive envolvida como “expert”, na classificação da UNESCO de Paris. Sucede que a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação e a Xenofobia que a Organização das Nações Unidas promoveu em 2001, em Durban, na África do Sul, promoveu uma Declaração que era também um compromisso que assumiam os países signatários, sendo o Brasil um deles. A partir da Declaração, havia medidas a serem tomadas contra os flagelos, termo mencionado pela ONU, tratados em Durban, em diferentes níveis e áreas. Nos desdobramentos, cedo foi percebido que a adoção de estratégias integradas seria o melhor caminho.

Uma dessas estratégias surgiu desde logo vinculada à proposta de trabalhar com as cidades como protagonistas do combate ao racismo, à discriminação, xenofobia e formas contemporâneas de intolerância. Ao mesmo tempo, compreendendo a relevância de sistemas de apoio mútuo, a proposta foi de articular as cidades em uma grande coalizão mundial, a partir de coalizões regionais. No caso, fui chamada a colaborar na proposta e estruturação da Coalização Latino-americana e Caribenha da UNESCO de Cidades contra o Racismo, a Discriminação e a Xenofobia, em 2006. A UNESCO, por sua sede em Paris, decidiu tomar a organização e estrutura do Mercosul como centro nucleador da proposta. Houve primeiramente o envio de materiais sobre o que já estava em andamento em outras regiões do mundo.

A seguir, uma reunião prévia das pessoas 2 ou 3 convidadas como experts ocorreu em Montevideú, então sede do Mercosul, reunindo também autoridades uruguaias para colaborar na proposta, autoridades de cada país do Mercosul representando os respectivos governos, uma autoridade regional da UNESCO e uma autoridade da sede, em Paris. No âmbito do grupo, importante aspecto analisado teve em vista, em especial, lembrar que na América Latina e Caribe a exclusão pelo racismo e a discriminação tem tido muitas faces, como especialmente indígenas e afro-descendentes, que não se reduzem a dois grupos, mas diversos grupos no interior de cada um, trazendo anulação de identidades pelo não-reconhecimento. Além, é claro, de outros grupos discriminados, sofrendo violência simbólica e física, como comprovam os noticiários cotidianos. Assim, lembrávamos, lá, que pensar em uma coalizão mundial de cidades traz muitos desafios, em especial os que se referem à diversidade que há entre as regiões do mundo e no interior de cada região, tanto historicamente como no presente.

Nos encontros em Montevideú, ocorreu, além das reuniões institucionais, sessões públicas, em que alguns de nós, participantes da reunião, nos dirigimos, em

Montevideu, a um público mais amplo. Organizamos documentos preparatórios que foram enviados para os prefeitos e suas equipes, além de redigirmos coletivamente a proposta do *Compromisso e Plano de ação de dez pontos* que, após aprovada pelos prefeitos das cidades que se juntariam à Coalizão, seria por eles ou elas assinado.

Os trabalhos levados a público, especialmente os documentos de estruturação e fundação da Coalizão Latino-americana e Caribenha da UNESCO de Cidades contra o Racismo, a Discriminação e a Xenofobia integram o dossiê aqui em tela. Constituem um conjunto de documentos que o *International Journal of Humanities* generosamente acolheu e publicou, permitindo assim a sua divulgação, ampliando o apelo para que fosse possível cada vez mais expandir-se o número de envolvidos no esforço empreendido coletiva e internacionalmente.

O dossiê inclui ainda artigo publicado pela Folha de S.Paulo, de minha autoria com o Dr Sergei Lazarev, sendo ele, então, o responsável na UNESCO, em Paris, pela Coalizão em nível mundial, ele que já fôra meu colega de trabalho, na mesma posição institucional de autoridade daquela agência da ONU, quando do Seminário Internacional UNESCO/USP sobre Ciência, Cientistas e Tolerância, que coordenei, na USP, em 1997, do qual resultou a criação da Rede Latino-americana e Caribenha UNESCO de Cientistas pela Tolerância e Solidariedade.

A importância da publicação pelo CEMOROC se deu em dois momentos, do ponto de vista temporal. No primeiro momento, durante a criação da Coalizão, os países da região latino-americana e caribenha puderam ter acesso a esses documentos de modo prático e ao mesmo tempo com a oferta de subsídios, fosse o exemplar impresso em papel, fosse a edição online da revista, o qual era bem avançado para a época. Além disso, num segundo momento, muitos anos depois, em 2015, a sede da UNESCO no Brasil procurou-me para recuperar a história da Coalização, tendo em vista o interesse renovado daquela agência da ONU a retomar a proposta. Ou seja, a publicação pôde cumprir um papel histórico, apropriado ao compromisso com o humanismo e ação, que adoto e assim também o CEMOROC com suas publicações e suas múltiplas atividades.

#### 3.4 Menção honrosa da UNESCO ao compromisso com o humanismo e a ação. Referente à publicação do *Dossier Kelman* (em inglês), Notandum - Libro 9.

A publicação que deixo para finalizar minha participação nesse número comemorativo traz um dossiê centrado num *scholar-practitioner* (como ele mesmo se define), que sobretudo é exemplo de ser humano que tem o humanismo como vocação e a ação como destino: Herbert C. Kelman, Professor Emérito da Universidade Harvard, e menção honrosa do Prêmio Madanjeet Singh para a promoção da Tolerância e Não-violência.

Em nível mundial, a UNESCO conta com reduzido número de prêmios, voltados para as missões da UNESCO – Educação, Ciência, Cultura. Habitualmente, a criação de um prêmio segue uma série de etapas, sendo muitas vezes proposto por alguma pessoa que deseja fazer uma doação que mantenha o prêmio ativo, sob os cuidados da instituição. Até ser aprovado pela Conferência Geral da UNESCO, que se reúne a cada dois anos, com a presença dos 193 países para tomar decisões, definir orçamentos e outros itens de pauta que se colocam a Assembleia Geral.

O Prêmio UNESCO-Madanjeet Singh para a promoção da Tolerância e Não-violência foi estabelecido pela UNESCO em 1995, por ocasião do Ano Internacional da Tolerância e 125º Aniversário do Nascimento de Mahatma Gandhi. A criação do Prêmio teve e tem como inspiração os ideais da Constituição da UNESCO, a qual proclama que “ a paz não deve falhar, mas tem que ser fundada na solidariedade moral e intelectual da humanidade”<sup>8</sup>.

Estive por dois anos acadêmicos, a saber, 2003-2004 e 2004-2005, na Universidade Harvard como Visiting Scholar/Visiting Researcher, a convite do Professor Doutor Herbert C. Kelman, a quem tive a honra de conhecer nas *Annual Meetings* da *International Society of Political Psychology – ISPP*. Professor Emérito de Harvard, por conta com a oportunidade de contar com ele como meu *sponsor*, tive a rara oportunidade de conhecer de perto sua atuação, passando a compreender e admirar seu papel como um pesquisador notável, que recebeu os principais prêmios do mundo acadêmico na área da psicologia nos Estados Unidos e em nível mundial.

Em especial o que sempre me chamou a atenção, em relação ao professor Kelman, foi sua metodologia que procura compor o rigor acadêmico e o compromisso com a prática, em termos especialmente de trabalhar em conjunto com aqueles que são participantes de suas pesquisas. Sobrevivente da Shoá<sup>9</sup>, a trajetória de Kelman corresponde a uma vida dedicada à luta contra o racismo, no movimento pelos direitos civis na segunda metade dos anos 1950 e 1960, de resistência à guerra e ativismo pela paz, orientado pelo pensamento de Thoreau e Gandhi, em pleno momento em que o Mahatma jejuava pela paz entre o povo indiano dividido entre a Índia e o Paquistão, quando da retirada da Grã-Bretanha imperial de lá. Após sofrer um infarto que, por muito pouco, deixou de ser letal, decidiu dedicar-se à paz no Oriente Médio, para onde levou sua proposta de resolução de conflitos, na chamada *Track Two Diplomacy*.

A convivência próxima por dois anos, propiciou-me elementos para decidir indicá-lo ao Prêmio UNESCO-Madanjeet Singh para a promoção da tolerância e não-violência no ano de 2006, honra para a qual fui convidada como ex-Presidente e membro do Júri Internacional do Prêmio UNESCO de Educação para a Paz. Mais ainda, chamei colegas de trabalho com professor Kelman a me acompanharem na indicação.

Esse volume, assim, número especial da Notandum - "Libro 9", traz o dossiê da indicação e premiação de Herbert C. Kelman ao tendo ele sido agraciado com a Menção Honrosa. O processo de indicação foi longo, trabalhoso, nos contatos com colegas para que se juntassem à indicação com cartas de recomendação ou testemunho da ação do Professor, envolvendo pessoas especiais, dedicadas a esse árduo e ingrato trabalho de buscar a construção da paz pela resolução interativa de conflitos. Passando-se esse processo ao longo de 2006, juntou-se à conquista da Menção Honrosa a celebração de oitenta anos do professor Herb Kelman, cuja foto pode ser vista na Figura 10. Seu aniversário de 80 anos, de fato, havia ocorrido em 18 de março de 2007 – homenagem que foi incorporada à publicação.

---

<sup>8</sup> Ver em [https://en.unesco.org/prizes/madanjeet\\_singh](https://en.unesco.org/prizes/madanjeet_singh).

<sup>9</sup> Em outros textos de minha autoria, justifico o uso que faço de Shoá, preferencialmente ao termo Holocausto, em geral mais popularizado. Ver, por exemplo: FISCHMANN, 2013, p. 801-820.

Figura 10 – Professor Herbert C. Kelman



Fonte: <http://www.hottopos.com/kelman/>.  
Crédito da foto: Justin Ide, Harvard News Office.

O dossiê compõe-se dos seguintes documentos, em sua versão original em inglês, que passo a citar textualmente da nota introdutória ao volume:

Mensagem ao Professor Herbert Kelman do Vice-Diretor Geral da UNESCO, Sr. Marcio Nogueira Barbosa; Discurso do Diretor Geral da UNESCO, Sr. Koïchiro Matsuura; formulário oficial da UNESCO (indicado como “anexo” do Edital 2006”); carta de indicação que apresentei, juntamente com a que a acompanhou, de parte do professor Jorge I. Domínguez; justificativa que integrava minha carta e respectiva lista explanatória de anexos (os quais no dossiê enviado à UNESCO foram anexados como volumes próprios e podem ser encontrados ou na Internet ou em bibliotecas e livrarias, por quem possa se interessar); das cartas de apoio, enviadas de diferentes partes do mundo por acadêmicos e líderes políticos que mantiveram colaboração com Herb Kelman em diferentes momentos; entrevista com o Secretário do Prêmio; documentos da UNESCO sobre o Prêmio.

Participaram da indicação com suas cartas de recomendação que estão reproduzidas na publicação do CEMOROC:

- Adnan Abu-Odeh  
Former Political Advisor to late King Hussein of Jordan, former Jordanian Ambassador to the UN, International Crisis Group (ICG) Member of Board of Trustees, Cairo, Egypt.
- Boutros Boutros Ghali  
President of the National Council for Human Rights, Egypt
- Donna Hicks

Associate Weatherhead Center for International Affairs, Harvard University, Cambridge, MA, USA.

• Harold Saunders

Chairman and President, The International Institute for Sustained Dialogue and former US Ambassador, Washington, D.C., USA.

• Hugh O'Doherty

Scholar-practitioner, Affiliate Center for Public Leadership, Kennedy School of Government/Harvard, and former Director at the Northern Ireland Inter-Group Relations Project.

• Jorje H. Zalles

Professor and Chairman, Conflict Resolution and Leadership Studies Department, Universidad San Francisco de Quito, Quito, Ecuador.

• Kurt R. Spilmann

Professor, Center for Security Studies, Swiss Federal Institute of Technology Zurich, Switzerland.

• Lenore G. Martin and Sara Roy

Lenore Martin, Professor of Political Science, Emmanuel College, and Associate Weatherhead Center for International Affairs, Harvard University;

Sara Roy, Senior Researcher Scholar, Center for Middle Eastern Studies, Harvard University, Cambridge, MA, USA.

• Maria Hadjipavlou

Professor, Department of Social and Political Sciences, University of Cyprus, Nicosia, Cyprus.

• Norbert Ropers

Director, Berghof Foundation for Conflict Studies. Sri Lanka Office.

• Philip S. Khoury

Associate Provost of MIT, Ford International Professor of History, and former Kenan Sahin Dean, School of Humanities, Arts and Social Sciences, Massachusetts Institute of Technology—MIT, Cambridge, MA, USA.

• Ronald J. Fisher

Professor of International Peace and Conflict Resolution, American University, Washington, D.C., USA.

• Shimon Shamir

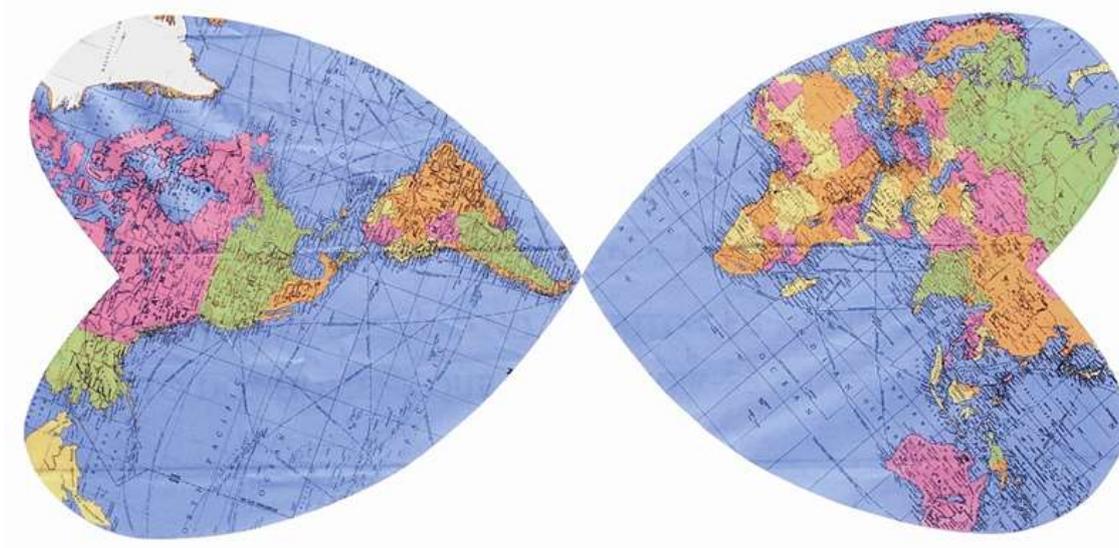
Professor, Tel Aviv University, Former Ambassador of Israel in Egypt and Jordan

• Walid Khalidi

Former Senior Researcher Scholar, Center for Middle Eastern Studies, Harvard University, Fellow, American Academy of Arts and Sciences, Cambridge, USA

Por sua beleza, que acompanha diversos documentos e eventos da UNESCO, e junto aqui, na Figura 11, uma das Bandeiras da Tolerância, criadas por diferentes artistas em 1995, Ano Mundial da Tolerância, e que seguiu todo o trabalho da nomeação do Professor Kelman. Parece-me um lindíssimo símbolo para a ênfase aqui proposta para o humanismo e a ação. Que permita novos voos para a Humanidade.

Figura 11 - ©UNESCO. Tolerance Flag.



Fonte: “Spiritual Globe” by Robert Rauschenberg, ©UNESCO.

## Referências

ARENDDT, H. A condição humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Primeira edição, em inglês. University of Chicago Press, 1958).

ARENDDT, H. Entre o passado e o futuro. 5ª ed.-1ª reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Primeira edição, 1954. Tradução do livro a partir da edição final, revista e ampliada, 1968).

FISCHMANN, R. Memória coletiva e insurgência contra o olvido. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v.21, n. 81, p. 801-820, out./dez. 2013. Disponível em [www.scielo.br/j/ensaio/a/LLCnfwK9DQDXNYMrMdfj9h/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/ensaio/a/LLCnfwK9DQDXNYMrMdfj9h/?format=pdf&lang=pt). Acesso em 30 jun 2021.

FISCHMANN, R. (ed.). La Lucha contra el Racismo, la Discriminación y la Xenofobia: una contribución al esfuerzo de la coalición de ciudades en nivel mundial, propuesta e impulsada por la UNESCO – y otros textos y documentos de la Coalición Latinoamericana y Caribeña de Ciudades contra el Racismo, la Discriminación y la Xenofobia–UNESCO. *Revista Internacional d'Humanitats*. Ano IX – n. 10 – 2006. Disponível em <http://www.hottopos.com/rih10/index.htm>. Acesso em 30 jun 2021.

FISCHMANN, R. (ed.) Dossier Kelman. *NOTANDUM–Libro 9*. Série Especial de Livros da Revista Notandum. (Junho 2007). Disponível em <http://www.hottopos.com/kelman/>. Acesso em 30 jun 2021.

FISCHMANN, R. (ed.) Ensino religioso em escolas públicas: ameaças ao Estado laico. *NOTANDUM* - Ano XV - N. 28 jan-abr 2012 - Edição especial. Disponível em <http://www.hottopos.com/notand28/> . Acesso em 30 jun 2021.

FISCHMANN, R. (ed.) Dossiê: Educação e Direitos Humanos – *International Studies on Law and Education*. No. 22 -- jan-abr 2016. Disponível em <http://www.hottopos.com/isle22/index.htm>. Acesso em 30 jun 2021.

LAFER, C. Hannah Arendt: Pensamento, persuasão e poder. 2ªed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

Recebido para publicação em 15-07-21; aceito em 17-08-21